

# O modo de organização enunciativo no gênero artigo de opinião

## The enunciative organization mode in the gender opinion article

Maria Aparecida Lino Pauliukonis\*  
Maria Cristina Vieira Bastos\*\*

### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar como o modo de organização enunciativo se apresenta no artigo de opinião *A metamorfose de W.*, escrito pelo articulista do jornal *Folha de S.Paulo*, Sérgio Rodrigues, publicado em 09 de maio de 2019. Com base no arcabouço teórico-metodológico da Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, propomos uma análise textual-discursiva, observando as categorias linguísticas da enunciação e os procedimentos de encenação discursiva, relacionando-os aos efeitos de sentido produzidos no texto.

**Palavras-chave:** Modo enunciativo; Artigo de opinião; Efeitos de sentido.

### ABSTRACT

This article aims to analyze how the enunciative organization mode is presented in the opinion article *The metamorphosis of W.*, written by the newspaper's writer *Folha de S.Paulo*, Sérgio Rodrigues, published on May 9, 2019. Based on the framework the

Recebido em 15 de maio de 2020.

Aceito em 13 de novembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.416>

\*Universidade Federal do Rio de Janeiro, aparecidalino@gmail.com, orcid.org/0000-0001-8057-9961

\*\*Universidade Federal do Rio de Janeiro, khrys.bastos@hotmail.com,  
orcid.org/0000-0003-3984-8861

theoretical-methodological approach of the Semiolinguistic Discourse Theory, by Patrick Charaudeau, we make a textual-discursive analysis, observing the linguistic categories of the enunciation and the discursive staging procedures, relating them to the effects of meaning produced in the text.

**Keywords:** Enunciative mode; Opinion article; Effects of meaning.

## Introdução

O fim da hegemonia dos estudos estruturalistas deu lugar à análise da língua em situações efetivas de uso, privilegiando a função sociocomunicativa da linguagem. Nessa fase de mudanças, que teve início a partir da década de 1960, surgiram diferentes teorias preocupadas em analisar a língua contemplando as marcas linguísticas da enunciação e os aspectos contextuais, sociais e psicológicos, em que se inserem os parceiros do contrato de comunicação. Nesse cenário, surge, entre outras correntes, a Análise do Discurso (doravante AD).

Conforme Charaudeau e Maingueneau (2004), a AD é uma disciplina relativamente recente que nasce no interior das ciências da linguagem como resultado da convergência de diferentes pressupostos teóricos, que surgiram nos anos 60 na Europa e nos Estados Unidos. Em *lato sensu*, pode ser considerada como o estudo do discurso e, em *stricto sensu*, pode ser considerada como a confluência de disciplinas que tomam o discurso como objeto.

Em contraste com os estudos formalistas, que não levam em conta o sujeito e a situação de comunicação nos estudos de linguagem, a AD, por sua vez, estuda a língua como atividade ancorada em um contexto sócio-histórico, cujos sentidos são construídos de acordo com as identidades dos sujeitos, as formações discursivas e ideológicas e as circunstâncias contextuais.

Sob essa perspectiva, em meados da década de 1980, o linguista francês Patrick Charaudeau apresenta a Teoria Semiolinguística do discurso (doravante TS), uma vertente da AD que, ao abordar o ato de comunicação, examina sua constituição linguístico-discursiva, os aspectos psicossociais dos sujeitos comunicantes, bem como o contrato de comunicação estabelecido entre eles.

Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da TS, analisamos, neste artigo, como o modo de organização enunciativo se manifesta no artigo de opinião *A metamorfose de W.*, escrito por Sérgio Rodrigues e publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, em 09 de maio de 2019, cuja temática política critica o então ministro da educação, Abraham Weintraub.

Visando a atender o objetivo proposto, apresentamos, primeiramente, os principais conceitos da TS, enfatizando a funcionalidade do modo de organização enunciativo, com suas modalidades e categorias. Posteriormente, apresentamos algumas considerações acerca das principais características do gênero artigo de opinião, destacando a presença da ironia, trabalhada como estratégia discursiva e argumentativa por Sérgio Rodrigues. Em seguida, procedemos à análise textual-discursiva, identificando as marcas linguísticas que evidenciam o processo da enunciação nas modalidades elocutiva, alocutiva e delocutiva no texto.

O objetivo geral deste artigo é demonstrar que o modo enunciativo, de forma implícita ou explícita, envolve certa subjetividade, mostra a maneira como o sujeito encena seu projeto de dizer e revela seu propósito comunicativo-argumentativo.

## **1. A teoria semiolinguística do discurso**

Segundo Charaudeau (2007), a TS concebe o discurso como uma atividade psicossociolinguageira, em que a construção de sentido no discurso se realiza por meio da convergência de aspectos linguísticos, psicológicos e sociais, sob a responsabilidade de um sujeito intencional, sendo ele próprio, nos termos de Charaudeau (2007, p. 11) “psico-socio-linguageiro”.

Nesse sentido, a TS assume uma postura interdisciplinar ao abordar fenômenos mais externos à linguagem (lógica das ações e influência social), e outros mais internos (construção dos sentidos do texto). Com isso, podemos depreender que um de seus pressupostos básicos é o de que a linguagem mantém uma estreita relação com o contexto psicossocial em que ela se realiza.

A TS, portanto, integra questões da linguagem sob o ponto de vista interno e externo, porém priorizando o material linguístico em situação comunicativa.

Esse fato explica a análise semiolinguística do discurso proposta por Charaudeau:

Eis porque a posição que tomamos na análise do discurso pode ser chamada de *semiolinguística*. Semio-, de “semiosis”, evocando o fato de que a construção do sentido e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; *linguística* para destacar a matéria principal da forma em questão – a das línguas naturais. Estas, por sua dupla articulação, pela particularidade combinatória de suas unidades (sintagmático-paradigmática em vários níveis: palavra, frase, texto), impõem um procedimento de semiotização do mundo diferente das outras linguagens (CHARAUDEAU, 2007, p.13).

Através de categorias de língua, a TS busca analisar o *do que* fala a linguagem por meio do *como* se fala, esse é o seu objeto de conhecimento, considerando sempre os sujeitos que compõem o ato de linguagem e seus respectivos projetos de fala, regidos por *contratos* de comunicação (CHARAUDEAU, 2008). Assim, a TS trata questionamentos da linguagem em uma perspectiva linguístico-discursiva, cujo sentido é construído pela ação languageira do homem em situação de troca social. Logo, para construir o sentido, o sujeito realiza o procedimento denominado por Charaudeau (2007) de semiotização do mundo, que se efetua por meio de dois processos: transformação e transação.

No processo de transformação, o sujeito falante parte de um mundo a significar (mundo referencial) a fim de transformá-lo em um mundo significado. Esse processo, conforme Charaudeau (2007, p. 13), é o da seleção linguística e abrange as operações de: a) identificação (processo de substantivação); b) caracterização (processo de adjetivação); c) processualização ou representação de fatos e ações (processo de

verbalização); d) modalização/explicação (marca o ponto de vista do locutor); e) relação (preposições, conjunções, pronomes relativos etc.).

Esse ‘mundo significado’, ou ‘representado’ converte-se em objeto de troca com outro sujeito, que assume o papel de destinatário, e caracteriza o segundo processo: o de transação, ou de expressão textual.

No processo de transação existem quatro princípios que estão correlacionados à própria enunciação: a) o princípio de alteridade, que estabelece uma troca, uma interação entre dois parceiros que se reconhecem, ao mesmo tempo, como semelhantes e diferentes; b) o princípio de pertinência, que considera a necessidade de haver um universo de referência comum, de modo que os saberes ali partilhados sejam apropriados ao contexto e à finalidade de troca; c) o princípio de influência, que evidencia o fato de os parceiros admitirem que, na troca, são alvo de um sujeito que tenta modificar suas ações, ou pensamentos; e d) o princípio de regulação, que se constitui como condição para que os parceiros se engajem no processo de reconhecimento do contrato de comunicação, e que orienta os sujeitos a gerirem a troca, de maneira a torná-la possível.

Sob esse arcabouço teórico, compreende-se que, na construção de um artigo de opinião, a instância de produção midiática, partindo de um acontecimento bruto ou de um tema polêmico, identifica-o (nomeação), qualifica-o (qualificação), insere-o em um quadro narrativo (ação) e estabelece as relações de causalidade (causação). Tudo ocorre em correlação com alguns princípios: o do reconhecimento dos parceiros da troca languageira (alteridade), da adequação do projeto de fala ao contexto sociodiscursivo e aos objetivos dos interlocutores (pertinência), da necessidade de captação/adesão do enunciatário ao projeto de fala do enunciador (influência) e da utilização de estratégias para garantir o sucesso da comunicação (regulação).

Segundo Charaudeau (2008), as operações do processo de transformação são reguladas pelas do processo de transação. Assim, o quadro que representa a semiotização do mundo é completado por essas duas operações que servem de base para o contrato de comunicação.

Conforme o autor, todo ato de comunicação realiza-se por meio de uma *mise-en-scène* discursiva, ou uma encenação, metáfora que se liga à ideia de teatro, e que se concretiza sempre sob um contrato comunicativo. O contrato de comunicação é um dos conceitos básicos da Teoria Semiolinguística do Discurso e se define como um conjunto de regras discursivas que determinam o que é ou não permitido no ato de produzir e de interpretar textos (orais ou escritos). A noção de *contrato*, tal como no domínio jurídico, é o que permite o reconhecimento mútuo entre os parceiros da troca linguageira, os papéis que cada um assume no ato (identidade), bem como o reconhecimento dos objetivos desse ato (finalidade) e do objeto da troca (o propósito), consideradas as coerções materiais/situacionais que o sobredeterminam (circunstâncias materiais e o dispositivo).

A dinâmica do ato de linguagem é também uma importante referência para a TS. Segundo Charaudeau (2008), consiste em uma encenação em que se conjugam os aspectos explícitos e implícitos da linguagem. O ato conta com quatro sujeitos interactantes, responsáveis pelos processos de produção e interpretação do discurso, que se instauram em dois circuitos: espaço interno e externo do ato comunicativo.

O espaço interno caracteriza o circuito de fala e nele se inscrevem um sujeito enunciador [EUE] e um sujeito destinatário [TUd], os protagonistas do dizer, constituídos ambos no interior do discurso, são seres da fala e não necessariamente têm de coincidir com os sujeitos reais; são chamados sujeitos discursivos. O espaço externo, por seu turno, configura uma representação da situação de comunicação, que se constitui como o material psicossocial do ato, ou seja, a própria situação de comunicação, incluindo dois indivíduos, também psicossociais, os chamados parceiros, na qual se estabelecem um sujeito comunicante [EUC], responsável pela origem e pela organização do ato e um sujeito interpretante [TUi], ambos sujeitos sociais, reais.

O sujeito comunicante, diante das restrições que configuram o contrato comunicacional, utiliza, para a concretização de seu projeto de fala, categorias de língua e processos estratégicos de construção do texto,

ordenados em Modos de Organização do Discurso. Segundo Charaudeau (2008), esses modos constituem-se como princípios de organização da matéria linguística que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante. São procedimentos de ordem linguageira que consistem no uso de certas categorias de língua, ordenando-as em função das finalidades discursivas do ato de linguagem e são eles agrupados em quatro modos: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo.

O Modo de Organização Descritivo diz respeito ao fato de o sujeito nomear, qualificar seres, coisas e processos, bem como situar as coisas no/do mundo, dando existência estática aos seres; o Modo de Organização Narrativo apresenta uma sucessão de fatos, sucessão de ações em uma história, não sendo, portanto, estático; o Modo de Organização Argumentativo diz respeito à exposição de um ponto de vista e de sua defesa, com o estabelecimento de relações de causalidade a fim de influenciar o interlocutor.

Por fim, o Modo de Organização Enunciativo, que influencia a *mise-en-scène* dos demais modos (CHARAUDEAU, op.cit), refere-se à forma como o enunciador se projeta no discurso (modalidade elocutiva), como interage com seu interlocutor (modalidade alocutiva) ou faz referência a terceiros ausentes (modalidade delocutiva). Este modo, por sua vez, intervém na encenação dos demais modos pelo fato de dar conta do posicionamento do locutor no enunciado. Ou seja, a organização enunciativa permeia os modos descritivo, narrativo e argumentativo.

Destacamos, a seguir, o modo de organização enunciativo, suas categorias e funcionalidade, conforme o objetivo de análise deste artigo.

## 2. O modo de organização enunciativo

De acordo com Charaudeau, o modo de organização enunciativo não se confunde com a situação de comunicação nem com a modalização. A situação de comunicação envolve os sujeitos sociais presentes no circuito

externo do ato de linguagem, ao passo que o modo enunciativo focaliza os seres de fala, protagonistas do ato de linguagem em seu circuito interno.

A modalização abrange os procedimentos linguísticos que explicitam o ponto de vista do locutor, sendo, portanto, uma categoria de língua. Já o enunciativo diz respeito à maneira pela qual o sujeito encena seu dizer, constituindo, então, uma categoria de discurso. Isso significa que o modo enunciativo pressupõe a modalização e vice-versa, uma vez que “assim como as categorias de língua permitem a constituição do discurso, as categorias de discurso têm sua contrapartida nas categorias de língua” (Charaudeau, 2008, p. 81).

O modo enunciativo, na perspectiva da TS, consiste em organizar e ordenar categorias linguísticas a fim de elucidar o ponto de vista do sujeito enunciador em relação às instâncias da comunicação. Essas instâncias justificam a determinação das três modalidades, já citadas, do modo enunciativo: a elocutiva, a alokutiva e a delocutiva. A cada uma delas, correspondem procedimentos linguísticos específicos, que, por meio de estratégias modalizadoras, explicitam as diferentes relações enunciativas do locutor com seu texto, a saber: falando de si mesmo: - modalidade elocutiva, dirigindo-se ao destinatário: - modalidade alokutiva, e se expressando em terceira pessoa, mais objetivamente: - modalidade delocutiva.

## **2.1. A modalidade elocutiva**

Nesta modalidade, o sujeito modaliza o discurso a fim de revelar seu ponto de vista sobre o mundo, sem que isso implique o interlocutor. Esse posicionamento do sujeito falante pode ser expresso como:

- Um modo de saber, que exprime a forma pela qual o sujeito tem conhecimento sobre um propósito (modalidades da constatação e do saber/ignorância);
- Um modo de avaliação, que indica a maneira pela qual o sujeito julga um propósito (modalidades da opinião e da apreciação);



- Um modo de motivação, que expressa o motivo que leva o sujeito a realizar o propósito (modalidades da obrigação, da possibilidade e do querer);
- Um modo de engajamento, que especifica o grau de adesão ao propósito (modalidade da promessa, da aceitação/recusa, do acordo/desacordo e da declaração);
- Um modo de decisão, que mostra o estatuto do sujeito em relação ao tipo de decisão (modalidade da proclamação).

## **2.2. A modalidade alocutiva**

Nesta modalidade, o sujeito falante exprime seu ponto de vista implicando o interlocutor e impondo-lhe um comportamento, em uma relação de influência. Assim, o sujeito falante pode estabelecer com seu interlocutor dois tipos de relação:

- Relação de superioridade (ou relação de força): o locutor impõe ao interlocutor a execução de um(a) dizer/ação (“fazer dizer” / “fazer fazer”). Abrange as modalidades da interpelação, injunção, autorização, sugestão, proposta, julgamento, aviso;
- Relação de inferioridade (ou relação de pedido): o locutor faz uma solicitação ao interlocutor, assumindo o papel de alguém que precisa do “saber” ou do “poder fazer” do outro. Compreende as modalidades da interrogação e da petição.

## **2.3. A modalidade delocutiva**

O comportamento delocutivo é caracterizado por um “jogo” de apagamento do sujeito falante e de seu interlocutor. O sujeito apresenta um ponto de vista externo, comportando-se como um testemunho da forma como os dizeres sobre o mundo se impõem a ele. Desse modo, produz-se um efeito

de objetividade/neutralidade da enunciação, como se o sujeito realmente não tivesse ponto de vista e deixasse o discurso falar por si mesmo. Em virtude desse efeito de imparcialidade, a modalidade delocutiva é predominante nos gêneros jornalísticos.

Contudo, convém ressaltar que essa aparente objetividade é apenas um efeito de sentido, produzido a partir de estratégias e procedimentos linguísticos e discursivos, uma vez que “a subjetividade (ou a inserção do sujeito produtor do texto no discurso) dá-se por graus variados de manifestação de sua presença” (CORTEZ, S. L.; KOCH, I. V., 2013, p. 15).

Os discursos externos ao sujeito falante podem se impor a ele de duas maneiras:

- Por si só: o sujeito apresenta os dizeres sobre o mundo e os relaciona a seu grau de asserção (modalidade da evidência, probabilidade etc.);
- São produzidos por um outro locutor e relatados pelo sujeito falante (modalidades de discurso relatado – citado, integrado, narrativizado e evocado).

Essas três modalidades constituem as formas como o sujeito enunciador se posiciona no texto e, no caso em análise, no gênero artigo de opinião.

### **3. O artigo de opinião: breves considerações**

No que diz respeito a esse gênero textual, destaca-se por ser do domínio jornalístico que tem como objetivo analisar, avaliar e responder questões relevantes por meio da argumentação (BOFF; KÖCHE; MARINELLO, 2009). Em geral, a motivação para produção desse gênero decorre de acontecimentos da atualidade que já foram veiculados, tais como mudanças na política governamental e econômica, crises financeiras internacionais, eleições, reforma previdenciária etc. Sendo assim, o mais importante para

o articulista não é o acontecimento em si, uma vez que já foi retratado por meio de notícias ou reportagens, mas a análise crítica e seu posicionamento sobre o fato. Sobre esse aspecto, Rodrigues (2014 [2005], p. 173) aponta que o artigo de opinião apresenta uma dupla orientação, pois se “constitui como uma reação-resposta a esses enunciados da atualidade (o já dito) e busca a reação-resposta ativa do seu interlocutor”.

O Autor (op. cit.) enfatiza também que o artigo de opinião tem como tipo textual predominante a argumentação *stricto sensu*, visto que visa ao convencimento do leitor. Assim, a relevância de produção desse gênero exige uma polêmica passível de discussão para ser abordada, em que o autor apresenta uma solução ou avaliação sobre o problema apresentado. Desse modo, com pequenas variações, o artigo de opinião é estruturado da seguinte maneira: situação-problema, discussão e solução-avaliação.

A situação-problema indica a questão a ser tratada pelo autor, buscando contextualizar o leitor sobre o assunto, evidenciando o objetivo da argumentação e também a importância de debatê-lo; a discussão expõe os argumentos, revelando a opinião do produtor do texto a respeito da problemática em foco; já a solução-avaliação evidencia uma resposta à questão debatida, que pode apresentar uma reafirmação da posição assumida ao longo do texto ou uma apreciação do que foi abordado.

Geralmente, na estrutura do jornal, encontra-se na seção “Opinião”, área destinada à expressão de pontos de vista a respeito de acontecimentos relevantes. O autor do artigo de opinião, conforme salienta Rodrigues (2014 [2005]), é um colaborador que pode ser fixo ou eventual, sendo convidado para expor seu ponto de vista a respeito do tema abordado. Esse profissional deve ser alguém com destaque, prestígio social e midiático, o que outorga credibilidade à sua fala, construindo-se como “autoridade no assunto”, assim o articulista eleva-se a tal *status* com o apoio do veículo que publica seu texto.

No artigo de opinião de Sérgio Rodrigues, escolhido para esta análise, buscaremos discutir as estratégias do modo de organização enunciativo

empregadas, que revelam a intenção do autor em abordar uma problemática social, sugerindo críticas e conduzindo o leitor a julgamentos e, nesse caso, sempre trabalhando com a ironia.

A ironia, tema recorrente nas interlocuções sociais, vem ganhando papel de destaque nos estudos da AD, que buscam explicitar seu funcionamento, elevando-a de simples figura da retórica à importante estratégia discursiva e argumentativa. Dentre os vários estudos sobre o processo irônico, destacamos alguns, cujas considerações contribuíram para nossas análises: os trabalhos de Berrendonner (1988), Beth Brait (2008), Ida Lúcia Machado (2013), Penha Lins (2008), entre outros.

Segundo Berrendonner (1988 apud LINS, 2008) a ironia é definida como a figura de linguagem que leva a entender o contrário do que se diz. Recorrendo à tradição retórica, o autor define a ironia como uma “contradição lógica”, isto é, um enunciado irônico, em que uma proposição  $p$ , de uma parte, e uma proposição  $q$ , de outra parte, em que  $p$  e  $q$  são simultaneamente apresentados como válidos no engendramento da contradição, o que obriga o destinatário a escolher um dos termos; pois, um deles representa o que realmente pensa o locutor e o outro é falso.

Para Machado (2013), a ironia funciona como estratégia discursiva de captação e se destaca como a habilidade de se conseguir a cumplicidade de seu eventual auditório. Já Beth Brait (2008) interessa-se pelo fato irônico como uma forma particular de interdiscurso, caracterizando-o como uma ampla categoria do humor, encontrado em diferentes gêneros discursivos.

Penha Lins (2008), vê a ironia, como estratégia discursiva e argumentativa, que não se dá apenas no nível do enunciado, do dito, mas do ambiente situacional e discursivo nos quais os interlocutores e as enunciações se relacionam, passando-se de um dito a outro, explícito ou mais ou menos implícito, no produto enunciado. Neste artigo, partimos dessa concepção de ironia como uma produtiva estratégia discursivo-argumentativa, como se verá na análise proposta a seguir.

#### **4. Análise textual-discursiva do artigo de opinião *A metamorfose de W.*, de Sérgio Rodrigues**

Apresentamos, inicialmente, a identificação dos seres sociais, Sérgio Rodrigues e Abraham Weintraub e, posteriormente, passamos à transcrição integral do artigo de opinião que será depois analisado.

Sérgio Rodrigues é o sujeito produtor do ato de comunicação [EUc] e o sujeito receptor desse ato é o leitor de seu artigo [TUí]. Rodrigues, ser social, é articulista da *Folha de S. Paulo* e escreve semanalmente no caderno *Cotidiano* desse mesmo jornal. Seu trabalho como pesquisador e colunista nas áreas de gramática e linguística rendeu-lhe um de seus livros mais recentes, o *Viva a língua brasileira*, publicado em setembro de 2016. Como jornalista e crítico literário brasileiro, venceu o 12o. Grande Prémio Portugal Telecom de Literatura nas categorias Romance, e o Grande Prêmio pelo livro *O dribble* (2013), um drama familiar que tem como pano de fundo cinco décadas de história do futebol brasileiro. Atualmente, também é roteirista do programa *Conversa com Bial*, da TV Globo, sendo, portanto, bastante conhecido pelo seu público.

Abraham Weintraub, por sua vez, é professor de economia da Unifesp e, em 1º de janeiro de 2019, foi nomeado secretário-executivo da Casa Civil do governo Bolsonaro. Após a demissão do ex-ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, Weintraub ocupou seu lugar, em 8 de abril de 2019, como o novo ministro da Educação do governo Bolsonaro.

Ganhou notoriedade, logo após sua posse, ao anunciar um corte de 30% em recursos destinados às despesas discricionárias de universidades federais que, segundo ele, “estivessem fazendo balbúrdia” em vez de procurarem melhorar o desempenho acadêmico, conforme publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 30 de abril de 2019.

O artigo de opinião de Sérgio Rodrigues faz menção ao contexto situacional em que o ministro da Educação, Abraham Weintraub, participou de uma sessão da Comissão de Educação do Senado. Nessa ocasião, em

seu pronunciamento, o ministro falou sobre as sanções administrativas que sofreu quando foi professor na Unifesp. Ao descrever o que passou, disse o seguinte: “Eu sofri na pele um processo inquisitorial. E fui inocentado. Durante oito meses eu fui investigado, processado e julgado num processo inquisitorial e sigiloso. Que eu saiba, só a Gestapo fazia isso. Ou no livro do Kafta ou na Gestapo”, disse, criticando sua falta de acesso ao caso. Na verdade, o ministro quis se referir ao livro “O Processo”, obra do famoso escritor tcheco Franz Kafka e não ao prato árabe (cafta). Tal fato repercutiu em jornais e nas redes sociais, o que motivou o texto a seguir.

Apresentamos, abaixo, o artigo de opinião de Sérgio Rodrigues, na íntegra:

#### **A metamorfose de W.**

Certa manhã, Weintraub acordou em sua cama transformado em ministro.

"O livro do Kafta" que o ministro da Educação citou terça-feira (7) em audiência no Senado apresenta um desafio interpretativo considerável. No entanto, à primeira vista o caso parece bastante simples.

Uma autoridade comete uma gafe. Os críticos riem e saem espalhando a notícia nas redes com sádico deleite: "Viram que formidável?" Os apoiadores rebatem: "Seus oportunistas esnobes, foi só uma gafe".

No caso, o deslize de Abraham Weintraub foi puro pastelão, uma troca de letras infantil e boba de tão óbvia. Quem nunca se deu conta da semelhança entre o nome do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924) e o do acepipe árabe? Quantos de nós, logo após pensar nisso, descartamos o trocadilho como tolo demais para merecer um enunciado?

Até este ponto o caso conserva sua aparente simplicidade binária. Dizem os governistas: tropeço banal, o cara estava nervoso, pode acontecer com qualquer um. Não é bem assim, insistem os gozadores. Convém lembrar que Weintraub é —pois é— ministro da Educação.

Aí a trama começa a se adensar. Se há inegável malícia e talvez até maus modos no riso fácil com um escorregão desse tipo, o ministro não pode fugir às responsabilidades do cargo. Não poderia em lugar nenhum do mundo, que dirá num país que vai definhando à míngua de educação, como no sertão nordestino definham lavoura e criação por falta de chuva.

A cadeira ocupada por Weintraub exige um estofamento mínimo. Seria ridículo sugerir que os titulares da pasta, sobretudo nos últimos tempos, foram todos pessoas de excelente formação. Contudo, é fato que nenhum deles "insituiu" o público a ler Kafka ou comer Kafka, nem passou as verbas do ensino pelo moedor de carne. Entre o imenso Paulo Freire e o mais despreparado dos professores, estende-se um rico leque de possibilidades. Não se trata de esnobismo intelectual. Kafka é um dos raros escritores que fazem parte do repertório cultural médio da sociedade. Nesse quesito, é o mais bem-sucedido do século 20, léguas à frente de Marcel Proust e James Joyce.

Ou seja, para citar Kafka ninguém precisa tê-lo lido nem sequer saber por alto quando ou em que região do mundo ele viveu. "Kafkiano", adjetivo da linguagem comum, quer dizer o que "evoca uma atmosfera de pesadelo, de absurdo, especialmente em um contexto burocrático que escapa a qualquer lógica ou racionalidade" (Houaiss).

Na mosca. Weintraub se referia ao processo administrativo que sofreu na universidade, comparando-o à burocracia insondável do genial romance "O Processo". Para isso não precisaria —ninguém precisa— ter lido o livro. Kafka é figurinha tão fácil quanto o árabe da esquina.

E ainda não falamos da barata, que nem barata era. O "monstruoso inseto repulsivo" em que Gregor Samsa acordou transformado, na também genial novela "A Metamorfose", nunca é nomeado direito. Pela descrição, parece estar mais para um besourão, talvez um rola-bosta. Em todo caso, foi a barata que ficou na cabeça de todo mundo. Figurinhas fáceis são assim.

Eis por que apontar o erro do ministro é o oposto de esnobismo intelectual. Digamos que, sendo formado em economia, uma das poucas ciências humanas que sua turma não teme e execra, ele nem precisasse ter lido Kafka para estar no cargo. Por que, então, tentar passar pelo que não é?

Ao acordar certa manhã de sonhos intranquilos, Abraham Weintraub se viu transformado em sua cama em ministro da Educação. Kafkiano, bicho.

Passemos à análise segundo o escopo teórico da Teoria Semiolinguística. Neste texto opinativo, o EU comunicante [EUC] – Sérgio Rodrigues – tenta traduzir o mundo para o TU interpretante [TUi] – o leitor de seus artigos –, passando de um mundo real para um mundo significado (representado). Cabe ao TUi entender o mundo (res)significado, através da

identificação do sentido das palavras, sintagmas, proposições e suas regras de combinação, levando-os à compreensão de um sentido literal ou explícito, ou seja, a uma visão referencial do mundo citado, mas também deverá interpretar o sentido social das palavras, o que o levará a um sentido indireto ou implícito, ou seja, à intencionalidade do EUC.

Conforme Charaudeau (2008), no processo de produção do discurso, o EUC é concebido como testemunha do mundo real, dotado de identidade e de estatuto, capaz de discursivamente engendrar o EU enunciador – [EUE], o qual imagina um TU destinatário – [TUD] (leitor ideal), e se comunica com ele. No processo de interpretação, o TU interpretante – TUi (ouvinte/leitor real) constrói a imagem de um [EUE] (falante/escritor ideal) a partir das estratégias utilizadas por ele e, dessa forma, formula hipóteses sobre o EUC (falante/escritor real), por meio de inferências, importantes no processo de interpretação do sentido.

No artigo de opinião, *A metamorfose de W.*, verificamos a intencionalidade do EUC a partir da intertextualidade que se estabelece, no título e subtítulo de seu artigo, com a obra *A Metamorfose*, do escritor tcheco Franz Kafka.

O EUC constrói a imagem de um EUE, que narra no primeiro parágrafo do texto a gafe cometida pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, ao trocar o sobrenome do escritor Franz Kafka por “Kafta”.

Ao selecionar a expressão referencial: “O livro do Kafta”, essa escolha do termo é intencional e representa um posicionamento político-ideológico do EUC, no que diz respeito à nomeação de Abraham Weintraub para ocupar o cargo de ministro da Educação e ter cometido tal gafe. Com essa escolha lexical para se referir a Weintraub, o EUE provoca um desconforto no leitor, promovendo sua reflexão, levando-o a questionar como um ministro de Estado, sobretudo da pasta da Educação, pode cometer um deslize dessa natureza. Observamos que as escolhas lexicais utilizadas pelo EUE no texto reforçam seu posicionamento.



Durante a progressão textual, o personagem *W.* sofre um processo de transformação, sendo descrito ironicamente pelo EUE, que o associa à metamorfose kafkiana, construindo, dessa forma, os efeitos de sentido que revelam uma opinião a respeito da polêmica gafe cometida.

Por meio das expressões referenciais selecionadas ao longo do texto, o EUE vai delineando a metamorfose sofrida pelo personagem *W.*, a saber: “Weintraub”, retomado pelas anáforas diretas: “o ministro da Educação”, em seguida por “uma autoridade”, depois por “Abraham Weintraub”, posteriormente por “o cara”, em que a ironia é trabalhada discursivamente e os efeitos irônicos vão sendo construídos no e pelo texto, com valor argumentativo bastante produtivo.

Ainda no que diz respeito às escolhas lexicais, a troca de “Kafka” por “kafta” foi retomada pelas seguintes expressões referenciais: “o caso”, a “gafe”, depois por “deslize”, “pastelão”, “o trocadilho”, “tropeço banal” e o “escorregão”. Essa seleção lexical corrobora o posicionamento crítico do enunciador, que tenta convencer seu interlocutor de que o erro cometido por Weintraub seria um erro banal, caso ele não ocupasse o mais alto cargo público da Educação.

Verificamos ainda que o léxico para designar os insetos no texto, a saber: “barata”, “monstruoso inseto repulsivo”, “besourão”, “rola-bosta” reforça sua argumentatividade, por meio de um processo inverso, ou seja, ironicamente, deixa nos implícitos, a imagem contrária àquela em que o ministro gostaria de se transformar: um intelectual e ministro da Educação respeitado, mas que, tal como ocorre em *A metamorfose*, não consegue alcançar tal objetivo.

No que se refere ao modo de organização enunciativo, verificamos que o texto apresenta marcas explícitas do posicionamento do EUE tanto com relação a seu interlocutor (comportamento alocutivo) quanto em relação ao que ele mesmo diz (comportamento elocutivo), além de apresentar, em vários momentos, o comportamento delocutivo, mais objetivo e característico dos gêneros jornalísticos, que tentam promover o apagamento do ponto de vista do enunciador no texto.

Observamos no segundo parágrafo, que o EUE apresenta argumentos que a princípio parecem mantê-lo neutro quanto à situação narrada. Refere-se aos “críticos” e aos “apoiadores” como se fosse um observador externo, que não se encaixa em nenhum dos dois grupos, utilizando a modalidade delocutiva. Verificamos como o EUE apresenta no discurso relatado, característico dessa modalidade, os argumentos que irão nortear a construção de sentidos no texto. Vejamos em (1):

(1) Uma autoridade comete uma gafe. Os críticos riem e saem espalhando a notícia nas redes com sádico deleite: "Viram que formidável?" Os apoiadores rebatem: "Seus oportunistas esnobes, foi só uma gafe".

Na passagem "Seus oportunistas esnobes, foi só uma gafe", o operador argumentativo em destaque tem por função indicar não apenas a força argumentativa do enunciado, como também a direção do raciocínio, como aponta (KOCH, 1992). Nesse contexto, o operador argumentativo “só” revela a conclusão dos “apoiadores” de Abraham Weintraub. Argumentativamente, essa posição se alinha à opinião dos governistas, quando atribuem à “gafe” do ministro a alcunha de “tropeço banal”, alegando que tal erro “pode acontecer com qualquer um”. Nesse trecho, a inserção de “outras vozes” - a voz dos “apoiadores” do ministro, a dos “governistas”, a dos “oportunistas” / “críticos” / “gozadores” – caracteriza o recurso da polifonia textual, também usada como uma estratégia de base argumentativa, que contribui para a construção do sentido e orienta o leitor para uma determinada conclusão. A partir dessas “outras vozes” elencadas, o EUE evidencia seu posicionamento contrário a elas e reforça sua crítica ao escolher o termo “escorregão” (que utiliza para a recategorização de “deslize”, apontado anteriormente), alegando que o ministro “não pode fugir às responsabilidades do cargo”.

Em seguida, no terceiro parágrafo, o EUE começa a explicitar seu posicionamento quanto aos argumentos apresentados em (1), utilizando a modalidade elocutiva e alocutiva, respectivamente, como verificamos em (2):

(2) No caso, o deslize de Abraham Weintraub foi puro pastelão, uma troca de letras infantil e boba de tão óbvia. Quem nunca se deu conta da semelhança entre o nome do escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924) e o do acepipe árabe? Quantos de nós, logo após pensar nisso, descartamos o trocadilho como tolo demais para merecer um enunciado?

Inicialmente, apresenta em (2), um julgamento acerca do deslize de Weintraub: “foi puro pastelão” e, em seguida, utiliza a modalidade alocutiva, com os questionamentos apresentados, e incita seu interlocutor à reflexão, valendo-se, mais uma vez, da ironia como estratégia discursiva. Tal fato é ratificado em (3), quando por meio da modalidade elocutiva, o EUE manifesta explicitamente sua opinião por meio da locução adverbial “pois é”:

(3) Convém lembrar que Weintraub é —pois é— ministro da Educação.

A partir do quinto parágrafo “a trama começa a se adensar”. A partir dessa parte do texto, o autor conduz o leitor a fazer uma reflexão crítica acerca dos argumentos apresentados pelos apoiadores de Weintraub. Afinal, o deboche dos críticos “não se trata de esnobismo intelectual. Kafka é um dos raros escritores que fazem parte do repertório cultural médio da sociedade”. Vejamos (4):

(4) Não se trata de esnobismo intelectual. Kafka é um dos raros escritores que fazem parte do repertório cultural médio da sociedade. Nesse quesito, é o mais bem-sucedido do século 20, léguas à frente de Marcel Proust e James Joyce.

Por meio da modalidade delocutiva, o EUE ressalta em (4) a mediocridade do ministro pela gafe cometida; confere ao texto um tom mais informativo, situando o escritor tcheco como fazendo parte do repertório médio da sociedade e o mais bem sucedido do século 20, à frente de Proust e Joyce. Ao mesmo tempo, atribui aos leitores da obra *A Metamorfose* grau mediano de intelectualidade, além de citar sua popularização no Brasil, pela utilização do adjetivo kafkiano, dicionarizado no (Houaiss).

Durante todo o processo de construção de sentidos, o EUE vai tentando convencer seu interlocutor sobre a incapacidade intelectual do ministro Weintraub de estar à frente da pasta da Educação. Apresenta-a no processo de intertextualidade com *A Metamorfose* de Kafka, comparando-o a um ser repulsivo, que amanhece ministro sem ter a menor competência intelectual para ocupar esse cargo. Evoca as crises à frente do ministério da Educação, sendo a principal delas o corte de 30% nas verbas das universidades, além de uma sucessão de erros de ortografia, nas manifestações em redes sociais. Vejamos como o EUE, utilizando ainda a modalidade delocutiva, faz alusão a este contexto:

(5) Contudo, é fato que nenhum deles "insitou" o público a ler cafta ou comer Kafka, nem passou as verbas do ensino pelo moedor de carne.

Como podemos perceber no excerto (5), o EUE emprega “insitar” em lugar da forma correta do verbo “incitar”, em referência a um erro de grafia cometido pelo próprio ministro, e utiliza a metáfora “passou as verbas do ensino pelo moedor de carne”, remetendo ao corte de verbas realizado pelo ministro, associando-o à carne moída usada na preparação da cafta (tais fatos mencionados requerem do leitor conhecimento de mundo necessário à compreensão do texto).

O EUE demonstra o propósito comunicativo do EUC, ao ressaltar que Weintraub foi alçado ao cargo de ministro da Educação de forma surreal,

uma vez que é desqualificado para assumir tal cadeira, cujo assento requer um “estofo mínimo”, nesse caso, a expressão é utilizada como uma metáfora para definir o conhecimento necessário a quem ocupa o mais alto e relevante cargo no ministério da Educação.

De forma delocutiva e com o testemunho de vozes dos apoiadores, o trecho seguinte critica também os fiéis governistas e seguidores do ministro. Vejamos em (6):

(6) (...) Dizem os governistas: tropeço banal, o cara estava nervoso, pode acontecer com qualquer um. Não é bem assim, insistem os gozadores(...)

No excerto (7), observamos que o EUE, nas modalidades delocutiva e alocutiva no final do parágrafo, ressalta que Weintraub não tem gabarito para ser ministro da Educação e constrói a figura do ministro dissimulado, que tenta passar pelo que não é, e como mais um que aceita ocupar um cargo mesmo sem possuir as competências necessárias para tal.

(7) Eis por que apontar o erro do ministro é o oposto de esnobismo intelectual. Digamos que, sendo formado em economia, uma das poucas ciências humanas que sua turma não teme e execra, ele nem precisasse ter lido Kafka para estar no cargo. Por que, então, tentar passar pelo que não é?

Enfim, como pudemos observar, o modo de organização enunciativo de forma mais explícita ou menos explícita apresenta as impressões pessoais do enunciativo, mostrando a maneira como o sujeito encena seu projeto de dizer e revela o seu propósito comunicativo.

## Considerações finais

Nossa análise procurou demonstrar que o modo enunciativo de organização do discurso, no artigo de opinião de Sérgio Rodrigues, manifesta-

se mediante as três modalidades enunciativas descritas por Charaudeau (2008): elocutiva, alocutiva e delocutiva.

Na modalidade elocutiva, o enunciador apresenta explicitamente seu ponto de vista sobre o mundo, tecendo avaliação, emitindo opinião sobre o que enuncia; na modalidade alocutiva, implica o destinatário, incitando-o a se engajar em seu projeto de dizer, estabelecendo uma relação de influência; na modalidade delocutiva, utiliza o discurso relatado, como recurso característico dessa modalidade, como o ponto de partida para o desenvolvimento discursivo-argumentativo no texto.

Esses comportamentos enunciativos observados no texto produzem um efeito de proximidade e de intimidade entre enunciador e interlocutor, como se ambos estivessem dialogando acerca do tema polêmico apresentado.

A intertextualidade com a obra *A Metamorfose* de Franz Kafka, trabalhada no texto, sob a perspectiva da ironia como estratégia discursiva e argumentativa, dá o tom de humor com que o enunciador apresenta sua avaliação crítica, na tessitura textual.

Dessa forma, também é possível captar o *ethos* discursivo do enunciador (imagem construída no interior do discurso), como o de uma pessoa bem-humorada, disposta a interagir e problematizar questões polêmicas com seus leitores, de forma crítica, mas leve e divertida.

Enfim, a TS de Charaudeau (2008) oferece muitas possibilidades de investigação e reflexão sobre as estratégias linguístico-discursivas de construção de sentidos no texto.

Esperamos que a análise deste artigo de opinião permita ao leitor ter uma visão mais ampla das estratégias construtoras de sentidos do texto, por meio da análise do modo de organização enunciativo, e que contribua para a ampliação da capacidade de reflexão sobre a língua em funcionamento e a melhoria dos processos conscientes de leitura, compreensão e interpretação de variados gêneros textuais.

## Referências

BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, v. 7, n. 13, p. 1-12, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_13\\_o\\_genero\\_textual\\_artigo\\_de\\_opinioao.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf)>. Acesso em 20 out. 2017.

BRAIT, B. **Ironia em perspectiva polifônica**. São Paulo: Ed. da Unicamp, 2009.

CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 11- 30, 2007,

\_\_\_\_\_. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. Tradução e adaptação de CORRÊA *et alii*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_ & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CORTEZ, S. L.; KOCH, I. G. V. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. (Org.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, p. 9-29, 2013.

LINS, M. P. da. A ironia na construção do processo de criação do humor: uma análise de atos de linguagem de confronto em tiras de Mafalda. In: **SABERES Letras**. Vitória, v. 6, n. 1, set./dez. p.68-84, 2008.

Machado, I.L. A narrativa de si e a ironia: um estudo de caso à luz da Análise do Discurso. IN: **Cadernos Discursivos**. Catalão. Go, v. 1, n.1, p.1-16, ago./dez. 2013.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2014 [2005], p. 152-183.

RODRIGUES, S. A metamorfose de *W*. **Folha de S.Paulo**. Rio de Janeiro, 9 mai. 2019. Caderno Cotidiano. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/sergio-rodrigues/2019/05/a-metamorfose-de-w.shtml>>. Acesso em: 18 mai. 2019.